

31 entrevistas em Agosto Manuel Carvalho da Silva

O sindicalista e a crise É conhecido como o rosto da central sindical, mas tem um outro lado que é bem menos visível: o do investigador e professor universitário. Não se irrita quando se diz que a CGTP é uma correia de transmissão do PCP e sugere que se estude a história do movimento sindical para encontrar as diferenças. Acredita que possam surgir novas dinâmicas sociais resultantes da crise económica e financeira para o movimento sindical europeu, que evitem o descalabro dos países da União Europeia. Não deixa perdidas as suas memórias do tempo em que foi furriel miliciano em Cabinda e do peso psicológico da guerra **AMANHÃ: Maria José Morgado**

“Nunca houve atenção para os que sofreram na Guerra de África”



JOÃO CÉU E SILVA
Texto



ORLANDO ALMEIDA
Foto

Festei este ano 50 anos sobre o início da Guerra Colonial. Ter pegado em armas marcou-o?

Marcou-me porque marcou a sociedade portuguesa toda. A Guerra Colonial teve múltiplos efeitos, desde aumentar a pressão para a emigração até as grandes alterações do mercado de trabalho. Para além de aumentarem o número das mulheres no trabalho, impôs a uma geração que estava absolutamente fechada novos horizontes – a maior parte dos jovens da minha altura viviam nas aldeias e não conheciam nada para além das fronteiras da sua aldeia.

Também se sofreu do ponto de vista psicológico?

Não há ninguém que tenha estado num espaço de guerra efectivo que não fosse marcado. Não apenas psicologicamente! Estive numa zona muito difícil, mas, como a minha especialidade era as transmissões, não sofri tanto. Mas vivi muito próximo e de uma forma sentida o que passavam os meus colegas e fiquei marcado por isso. Também me criou um hábito de leitura intenso – não sei como, mas apreciava lá imensos livros. Chegava lá a obra de Mao Tsé-tung, a música da resistência do Zeca Afonso, Sérgio Godinho e de outros da altura do Adriano.

Porque é que esse esforço de guerra foi esquecido e ignorado todo o sofrimento desses soldados?

É um facto. Há muita gente que sofreu, que ficou a sofrer ao longo de uma vida, com as famílias a passarem por limitações e nunca houve uma atenção tão profunda quanto necessária para esse facto. Não tivemos situações de dureza de guerra, salvo algumas pontuais, como as de violência no conflito do Vietname, mas as tropas portuguesas não tinham bases, nem o mínimo de protecção de retaguarda. Além disso, a maior parte dos jovens eram despejados em teatro de guerra sem preparação.

Em situações muito adversas?

Recordo-me que dormimos imenso tempo num edifício construído com paredes de adobe, outros em construção de madeira e chapa de zinco, com um calor fortíssimo no meio do Mayombe e densidades de humidade de 98%. Durante algum tempo, nem havia camas... Talvez por isso foi preciso passar mais de 30 anos para surgir literatura sobre esse tempo.

Recentemente, ouviu-se-lhe dizer “andam aí cheiros de colonização”. Referia-se, no entanto, à *troika*. É mais ao caminho que a União Europeia está a seguir. Este ano, na reunião anual da Organização Internacional do Trabalho, esse conceito de “colonização” foi apresentado de forma indirecta por algumas das pessoas que intervieram. Colonização por parte da economia, dos mercados, dos Estados Unidos ou da Alemanha?

Dos interesses! A Alemanha tem um papel avassalador de domínio sobre os outros e, às vezes, há actores políticos, económicos e financeiros que aplicam mesmo a colonização. Quando ouvimos os políticos alemães dizer que “se os gregos querem resolver o problema, vendam uma ilha”, ou chamar *pigs* [porcos] aos da periferia, ignorando as culturas destes povos e o excepcional contributo para colocar *inputs* de desenvolvimento a toda a Europa! Há atitudes de sobrançeria, de imposição e de falar dos nossos problemas com uma ligeireza que cheira a colonialismo claro.

A pressão económica dos mercados obriga os não sindicalizados a olhar o sindicalismo de outra forma? Em termos de movimento de massas ainda não. Alguns estudiosos já concluíram que há uma relação directa entre a diminuição da influência do sindicalismo e o agravamento da injustiça na distribuição da riqueza. E até o quantificam a nível de perdas para diversas gerações! Esta ainda é a fase de constatação do descalabro para onde nos conduz este liberalismo fundamentalista e ortodoxo, mas não há projectos sociais ou políticos no caldeirão social que sustentem uma dinâmica de afirmação de contraposição e de alternativa de busca colectiva. Ainda não estamos nessa fase.

Esta crise vai estancar o aumento de não sindicalizados?

Não sabemos qual é a dimensão da crise, nem quando vão surgir as alternativas, só sabemos é que, se há crise, vai haver saída. Há muito a tendência de dizer, de forma simplista, que a crise é um momento de oportunidade. Creio que é preciso corrigir isso e basta citar um monge italiano que, ao fazer no título uma referência à Bíblia, afirma que “os tempos de crise são dias maus”. O que acaba por impulsionar as saídas é aquilo a que Bento Jesus Caraça chamava o despertar da alma colectiva. É uma reacção em que o colectivo toma consciência de que não pode ir por aqui e tem uma atitude que pode ser de reforma ou de ruptura. Uma coisa eu posso dizer, é que ao longo da História sempre que a sociedade está a caminho do descalabro,

os trabalhadores e os sindicatos levam porrada de criar bicho.

Em Portugal, por exemplo?

Em Portugal há um exemplo muito concreto: os trabalhadores tinham afirmado a vontade de acabar com a monarquia e o primeiro ano da República foi simultaneamente um ano de pancada nos seus direitos. A seguir, na I Guerra Mundial, era preciso mobilizar os trabalhadores para a reconstrução e fez-se a valorização e dignificação do trabalho. O cenário repete-se com a II Guerra Mundial, mas também nesta os trabalhadores tem a limitação dos direitos e são explorados até ao limite. Não é por acaso que na entrada dos campos de concentração nazis havia a maldade mais profunda, que era a frase “O trabalho liberta”. Sabemos o que é que isso significava! A seguir, valorizou-se novamente o trabalho, foi um tempo de avanço nos direitos, e nos últimos anos é o que se vê. Agora, até o Paul Krugman diz “os sindicatos fazem falta” e até no nosso país também há quem chame a atenção para isso. Só que as práticas que vemos nos nossos Governos ainda são no sentido oposto.

A luta sindical ganha com esta crise uma dimensão europeia que não tinha até há poucos meses?

Vai ter de assumir uma articulação muito maior e ganharemos muito se houver convergências na acção, por exemplo, dos países da periferia. Sempre o conhecemos como líder sindical. Há outro Carvalho da Silva?

Mal de mim se não houvesse! Como ser humano seria muito pobre, ou seja, tenho orgulho no contributo e no percurso que fui trilhando no seio do movimento sindical, mas acima de tudo nas relações todas do ser humano: um ser social, relações no plano da família, com a sociedade. Neste percurso, licenciou-se em Sociologia, recentemente doutorou-se, trabalha com o CES de Coimbra...

Do doutoramento já lá vão quatro anos, mais uns seis do trabalho de preparação. Já são muitos! Quanto ao Centro de Estudos Sociais (CES) vou assumir a coordenação do seu pólo de Lisboa.

Esse lado mais de cientista social satisfá-lo?

Há três coisas que convergem. A primeira é o trabalho que desenvolvo no sindicalismo; enriqueceu-me e fez ganhar gosto por temas de análise da sociedade, e cruza-se com o esforço que fiz a partir de 1994 de me preparar para a universidade e o facto de ter de trabalhar porque tenho uma família. Também tem do fim do seu mandato à frente da CGTP, ao qual não se quer recandidatar?

Sim, o congresso da CGTP é em Janeiro e esse é o limite. A investigação e o ensino universitário serão o

“É tempo de me pagarem algum do trabalho que faço”.

UM DESEJO ?

Para mim, neste momento, só há um desejo: mais justiça.

UMA OBSESSÃO ?

Não sou obsessivo, sou determinado. E a determinação é lutar por um País com futuro.

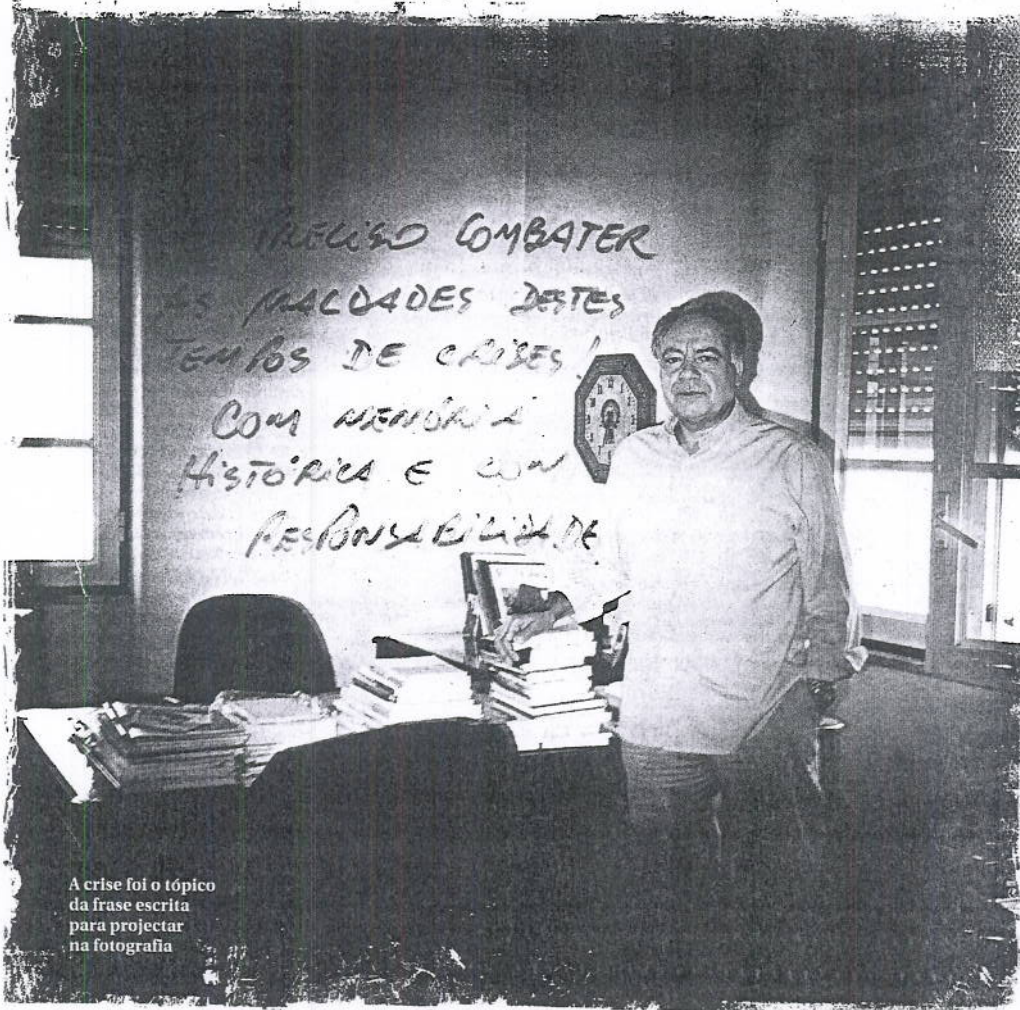
QUE LIVRO ? GOSTAVA DE ESCREVER ?

Espero ter a inspiração suficiente e o tempo para escrever alguns. Mas, se tivesse capacidade para abordar com profundidade o combate às desigualdades no trabalho, esse era um bom tema.

A VIAGEM QUE FALTA FAZER ?

Espero que me faltem muitas! Antes da última, não é?

próximo passo. Também algum do trabalho que faço em dos portugueses mais lestras. Que me dão muito trapartidas... Mesmo que – o pensar de um trabalho voluntário que continue a ser, mas tenho de remunerado! E acho que direito, se me reconhecem para desenvolver trabalho, de coordenação e de desenvolver trabalho de professor numa universidade já não o incomoda quando a CGTP é a correia de tra Partido Comunista? Isso nunca incomodou. O a CGTP é uma criação que da do ponto de vista histé em algumas áreas e força debruçarem sobre os prob diversas dimensões, e tar tenham abandonado esse passado. E o caminho do a dar atenção ao trabalh obrigação procurarem aju trabalho se afirme e tenh ciedade, isso enriquece t movimento sindical. Costu



A crise foi o tópico da frase escrita para projectar na fotografia

8 perguntas sobre a situação política

As eleições clarificaram a situação?

Têm sempre uma dimensão de clarificação. No entanto, não é da mesma dimensão para todos. As percepções sobre qual é a realidade são diferenciadas conforme as condições das pessoas. Mas é verdade que têm uma certa dimensão de clarificação, embora, no fundamental, grande parte das políticas que vinham sendo seguidas limita-se a ter continuidade.

Este Governo vai cumprir o mandato até ao fim?

Isso é melhor perguntar a Marcelo Rebelo de Sousa. Mas sou tentado a dizer que, perante uma clara governação sem rumo, será bom construírem-se alternativas num período inferior à legislatura. Quando interrogamos o primeiro-ministro sobre quando é que isto começa a mudar, a resposta é que não sabe quando surgirá a luz ao fundo do túnel.

Qual o principal ingrediente para a receita deste Governo funcionar?

Se for para funcionar aumentando o custo de vida de forma acelerada; diminuindo direitos dos trabalhadores; criando campos de potenciação da corrupção no imediato, que os vamos ver em desenvolvimento em função das privatizações... Eu diria que triste governação. Seria bom ir por caminhos diferentes.

Qual pode ser a pior falha do Governo?

A grande falha, por vontade, por opção ideológica e por desejo daqueles que comandam – e quem comanda este, como noutros governos, é o poder financeiro e económico – vai ser a incapacidade de resposta às desigualdades e às injustiças.

Os portugueses são co-responsáveis pela crise a que chegámos?

Essa é uma daquelas coisas em que a resposta ou é dada com muita clareza ou baralha tudo, porque não podemos responsabilizar todos pela mesma medida. Os portugueses que compraram casa, compraram porque essa opção era mais barata e pela grande propaganda que a banca fez. Este é um exemplo.

Acredita no futuro da União Europeia?

Gostaria de acreditar, mas tenho grandes dúvidas. Ou os trabalhadores e os povos europeus entram no projecto como actores efectivos ou a União Europeia está condenada.

Teve vontade de viver noutra país nos últimos tempos?

Não, porque gosto do meu país, do combate social e de intervir na sociedade. Mas sinto e vejo que muitos portugueses, e em particular jovens, estão hoje com um forte sentimento de que o País é injusto para com eles.

Como estará o País na volta de férias?

Pelo que está em andamento, a maioria dos portugueses estarão mais pobres, a pagar mais caro transportes, electricidade e água e muitos perderão o emprego. Portanto, para a maioria o País vai estar mais pobre e mais injusto.

é tempo de me pagarem, pois sou seguramente requisitado para fazer trabalho e nunca têm como costume dizer a brinhalho do raio. Esse tem sido também quero que encontrar trabalho que seja

tenho todo o qualificações de investigação e para ensino como de, em o fazer. lo dizem que nmissão do

que digo é que está registário. O que lamento é que s que têm obrigação de se lemas do trabalho nas suas íbém sobre o sindicalismo, s temas como se fossem do futuro implica que voltem ». Se aqueles que têm essa dar a que a organização do 1 posições correctas na so- evita qualquer desvio do no dizer: não se preocupem

com o caminho dos sindicatos porque os trabalhadores são seres humanos inteligentes como todos os outros e sabem escolher os seus percursos. Incomoda-o a aproximação do Bloco ao PCP? Não tenho nada que ver com isso, nem me incomoda nada. O que me preocupa é a necessidade imperiosa de, à esquerda, se construírem alternativas. Entre o Bloco, PCP e PS, por exemplo?

Sim, nas formações políticas existentes. Só que isso tem uma dimensão que não se fecha apenas no papel dos partidos políticos, até porque os caminhos do futuro não passam pela desvalorização dos partidos. Também não direi nenhum disparate se afirmar que face ao domínio actual deste fundamentalismo neoliberal há muita gente que, do ponto de vista de catalogação, até se situa à direita, e que é capaz de estar disponível para ajudar a

construir alternativas. Há muita convergência a fazer na sociedade portuguesa numa perspectiva de mudança, de conciliação de reformas a sério. Não é a outra face da crise, é a conjugação das reformas com rupturas que a sociedade precisa fazer. É preciso ir ao combate, e aí vale tanto o Partido Comunista como o Bloco de Esquerda, como o Partido Socialista. E acha que essa união de esquerda seria a resposta? Eu não falei em união, mas em dinâmicas, convergências e articulações. As soluções políticas e por onde é que se vai competem aos actores políticos.

Essa articulação de esquerda conseguiria dar resposta àquilo que define como sendo a política de Passos Coelho: a política do vale tudo?

Diria que estamos positivamente condenados a encontrar esses caminhos alternativos. Muito provavelmente na União Europeia, dentro de um ano, não há nenhum país governado só por um partido social-democrata. Até porque neste momento ainda há dois Governos que são de partidos socialistas – o grego e o espanhol –, mas daqui a um ano pode não existir nenhum. Se a social-democracia não desaparecer, tem de se reformular e revitalizar. O mesmo se coloca aos projectos mais à esquerda: para serem reconhecidos pela sociedade como merecedores de apoio do colectivo também têm de evoluir.

Esta coligação à direita que está no Governo vai proporcionar boas manifestações no regresso de férias? Não utilizaria algumas palavras como "boas"...

Então, manifestações de peso contra o Governo? A luta laboral, social e sindical dá muito trabalho; exige muito sacrifício aos trabalhadores que participaram nelas, e, portanto, esse pressuposto de que vêm aí condições para haver grande movimentação é um pouco falacioso. A verdade é que estamos condenados a despertar o mais rapidamente possível e impedir que o cair no descalabro continue. A saída é a mobilização da sociedade e a criação de uma dinâmica social, que seja ela própria também um contributo à gestação de alternativas. Como é que elas vão surgir, com quem, essa é uma interrogação.

“ Só sabemos é que, se há crise, vai haver uma saída para ela ”